

# O problema do desenvolvimento em áreas canavieiras: um estudo sobre Anhumas - antigo bairro rural do município de Piracicaba-SP/Brasil<sup>1</sup>

\*O texto apresentado é resultado do avanço da investigação em curso.

GT05- Desenvolvimento rural, globalização e crise.

Alice Peres

## Resumo

O município de Piracicaba localizado no interior do estado de São Paulo tem sua trajetória rural-agrícola/urbano-industrial marcada pela atividade canavieira. O avanço da produção da cana-de-açúcar desalojou moradores rurais que viviam do trabalho na terra, provocou o êxodo campo cidade e, pouco a pouco, bairros e povoados tradicionais foram desaparecendo. O bairro de Anhumas, local o qual este estudo se debruça, ao contrário desta tendência, vivenciou o aumento demográfico e atualmente é considerado zona de urbanização isolada. Apresentando universo populacional multifacetado, o bairro possui inúmeros problemas em relação ao convívio social tais como: violência, drogas, difícil acesso aos serviços sociais públicos como saúde, educação e transporte. Nosso objetivo consistiu então em desvendar esta realidade configurada. Na primeira parte deste artigo recuperamos a história do município de Piracicaba à luz dos efeitos da intervenção do Estado sobre a agroindústria canavieira e pequena produção. Em seguida relatamos a experiência empírica no bairro.

Alice Miguel de Paula Peres<sup>2</sup>

**Palavras chaves:** Piracicaba – cana-de-açúcar - bairro rural

## 1. Apresentação

Neste texto - resultado do avanço da investigação ainda em curso - temos o objetivo de analisar o que aconteceu com a vida das pessoas que residem em áreas rurais onde o agronegócio tornou-se o protagonista. O município de Piracicaba localizado no interior do estado de São Paulo (Brasil)<sup>3</sup> nos permite esta reflexão, pois trata de um município onde desde os primórdios a produção canavieira se fez presente. O impacto disso foi o êxodo campo cidade e a formação dos os chamados “vazios rurais”. Atualmente (2013) a população total do município é de 364.000 habitantes com apenas 7% destes residindo nas áreas rurais.<sup>4</sup>

Embora a imagem do “vazio rural” prevaleça no imaginário da população, também foi possível encontrar no município de Piracicaba um bairro que nos chamou atenção porque vivenciou justamente o processo inverso. No bairro de Anhumas famílias chegam a luz do dia ou no escuro da noite, com suas bagagens e pertences na caçamba de um caminhão pequeno, em busca de um lugar para viver e trabalhar. O aumento populacional foi tão expressivo que um bairro considerado rural no passado vem sendo denominado pelo IBGE (Instituto de Geografia e Estatística) como área de urbanização isolada. Com o intuito de investigar a realidade vigente nos deslocamos até o lugar com a seguinte pergunta: quem eram os moradores e como viviam? O texto está estruturado da seguinte maneira: na primeira

---

<sup>1</sup> Pesquisa financiada pela FAPESP.

<sup>2</sup> Doutoranda em Sociologia pela UFSCar (Universidade Federal de São Carlos). Mestre em Desenvolvimento Econômico – UNICAMP e graduada em Economia – UNESP. E-mail: [aliceperes@hotmail.com](mailto:aliceperes@hotmail.com); [peresalic@gmail.com](mailto:peresalic@gmail.com)

<sup>3</sup> Ver Anexo figura 1.

<sup>4</sup> Na contramão desta tendência ver Melo (2013).

parte destacamos a formação rural do município de Piracicaba à luz da relação entre Estado e a grande produção de cana. Deixamos constatado, como fato, as dificuldades de reprodução da pequena agricultura e da vida rural onde a agroindústria da cana se fez presente. Na segunda parte relatamos a experiência da pesquisa de campo. Vale ressaltar que por meio da pesquisa empírica realizamos uma etnografia utilizando como técnica de pesquisa a observação participante e as entrevistas. Colhemos tanto depoimentos como histórias de vida de antigos e novos moradores<sup>5</sup>. Do universo pesquisado e das questões complexas que dele emergiram para reflexão, buscamos neste texto tratar dos aspectos sobre o modo de vida antigo e os processos de transformações. Ao final, chamamos atenção para algumas considerações.

## 2. Piracicaba rural em formação – O Estado e a agroindústria canavieira

Compreender a história do município de Piracicaba é conhecer parte da história do Brasil e do desenvolvimento do capitalismo e suas contradições. Segundo Terzi (2001), o primeiro povoado de Piracicaba se formou como resultado das conexões entre os acontecimentos da época do Brasil colônia, quando a dificuldade enfrentada em relação ao abastecimento de alimentos em regiões mineradoras no Mato Grosso despertou o interesse dos “desbravadores” pela área a qual hoje situa-se o município de Piracicaba. Ainda como “a boca do sertão”, com matas virgens e terras férteis, rio e peixes, localização estratégica, a região atraiu interesse daqueles que produziam e comercializavam excedentes agrícolas nas regiões próximas de Itu e Porto Feliz. Deste propósito deu-se a concessão das primeiras sesmarias. Posteriormente, a região passou a ser local de pouso e abastecimento para a colônia militar de Iguatemi, quando o povoado assume a forma de Freguesia. Após estes feitos, foi o avanço da atividade canavieira à Piracicaba em fins do século XVIII que reacende as relações comerciais promovendo a melhoria das condições materiais para parte do povoado<sup>6</sup>.

Constata-se que a estrutura fundiária em Piracicaba formou-se com base na grande propriedade por meio das concessões de sesmarias. Em 1818, no entanto, há uma inversão na forma de aquisição e posse da terra. Os registros oficiais revelaram que a maior parte das fazendas havia sido adquirida por meio de compras. Petrone (1968) destacou que os primeiros sesmeiros, os quais ela chamou de “primitivos sesmeiros”, vendiam suas terras adentrando pelo sertão, e as terras de Piracicaba acabavam sendo alvo da mentalidade de um capitalismo agrário já existente em regiões próximas, onde os engenhos e a produção de açúcar já funcionavam havia tempo. Torres (1975) trouxe evidências da sociedade escravocrata e latifundiária. Confirmando este cenário, Petrone (1968:61) apontou: *Em Piracicaba havia as maiores propriedades canavieiras de São Paulo*, que atingiam 7.200, 4.050 e 3.600 alqueires paulista. Ao lado destes latifúndios havia também as pequenas propriedades rurais, onde o trabalho familiar e uma produção agrícola voltada para subsistência predominavam. Segundo Petrone (1968), estas famílias produziam além da sua subsistência, o açúcar no interior das propriedades utilizando as engenhocas que eles mesmos construíam. Segundo o levantamento censitário temos que: em 1775 foram contadas 235 pessoas habitando o local. Em 1822 havia 2.430 pessoas, sendo 956 escravos. Em 1837 este número aumentou para 10.291 moradores saltando para 22.000 em 1856, sendo destes 5.000 escravos e 4.000 moradores residentes dentro da área do rocío (área de demarcação urbana da vila). Sobre a produção de cana-de-açúcar, vale pontuar que em 1798

<sup>5</sup> A primeira fase da pesquisa empírica foi realizada no mês de maio e junho de 2012, quando nos aproximamos da realidade a ser estudada. Em 2013 a pesquisa de campo continuou no mês de março, abril e maio. Ao todo realizamos aproximadamente 60 horas de gravação de entrevistas, 10 horas de filmagens e mais de 500 fotografias. Todo material foi coletado pela própria pesquisadora que, para a realização da pesquisa se hospedou tanto na sede do município de Piracicaba – SP, locomovendo-se dia a dia para o bairro, como se hospedando no próprio bairro de Anhumas na casa de moradores

<sup>6</sup> O aumento do preço do açúcar estimulou a produção de açúcar para exportação nesta região, e o açúcar, que passou a ser o principal produto exportado da Capitania de São Paulo daquele período, era escoado em navios que saíam do porto de Santos direto para Lisboa. (PETRONE, 1968)

havia em Piracicaba 3 engenhos produzindo 700 arrobas de açúcar; em 1799, havia 9 engenhos produzindo 1.922 arrobas e, em 1836, havia 78 engenhos que davam 115.609 arrobas de açúcar e 1.078 canadas de aguardente.

No final do século XIX inicia-se o movimento de intervenção do Estado na atividade canavieira no Brasil que produziu impactos profundos na estrutura produtiva e no modo de vida daqueles que viviam da produção artesanal de açúcar na região de Piracicaba. Por meio da concessão de créditos subsidiados para estimular a modernização do parque produtor, o objetivo do Estado foi estimular a importação das máquinas e separar a produção agrícola da industrial, deixando as Usinas responsáveis apenas pela produção do açúcar. Por fim, esta intervenção promoveu a consolidação da expansão da produção canavieira/açucareira pelo modelo de produção integrada, com os engenhos transformando-se em Usinas e ampliando a área cultivada. Já as famílias que produziam para subsistência não conseguiam mais competir com o açúcar produzido pela Usina e, progressivamente vão deixando de lado a fabricação do açúcar especializando-se na produção de cana, tornando-se fornecedores de cana. Terci (1991:137) explicou que existiam no período duas grandes unidades produtivas em Piracicaba, o Engenho Central e a Usina Monte Alegre, que concentravam 97% da produção de açúcar do município, com os 3% restantes sendo produzidos por cerca de 30 engenhos menores que vão sendo desativados.

A partir de 1930, outro período inicia-se para a agroindústria canavieira, e mais uma vez, a pequena agricultura não recebe incentivos. Neste momento a intervenção do estado tinha como objetivo controlar e planejar a atividade canavieira. Primeiro com a CDPA (Comissão de Defesa da Produção do Açúcar) controlando o preço do açúcar no mercado interno, e depois em 1933 com a criação do IAA (Instituto do Açúcar e Alcool) cuja preocupação era determinar limites para a produção interna. Destas transformações, para o referido trabalho, vale salientar o impacto sobre as relações entre usinas e os produtores agrícolas independentes. Com a estabilidade do preço do açúcar no mercado interno ocorreu a eliminação das oscilações dos preços, que justificavam do ponto de vista econômico uma relação de divisão de perdas - da usina com os produtores de cana. Além deste aspecto, o limite para a produção de açúcar por regiões no Brasil prejudicou a inversão de capitais na expansão da produção açucareira e os usineiros ampliavam os investimentos na atividade agrícola, o que provocou um aprofundamento do “processo usineiro” que se expressava pela ampliação de compra de terras pelas usinas. Em Piracicaba temos um exemplo ilustrativo:

[...] já em 1936, o prefeito de Piracicaba, Sr Luiz Dias Gonzaga, reclamava num relatório, contra a redução do número de pequenas propriedades, naquele município, dadas às compras crescentes realizadas pelas usinas...” . (apud. RAMOS,1983:116)

A medida que os canaviais se expandiam, deslocando famílias e provocando a deterioração das condições de vida dos moradores e agregados dos engenhos ocorreu um episódio que se contrapôs esta tendência. Foi elaborada uma legislação que buscou criar limites para a produção agrícola da usina. A partir de 1941 por meio do Estatuto da Lavoura Canavieira (ELC) (Decreto Lei Nº 3855 de 21/11/1941), o Estado passou a interferir no processo de aquisição de terras por parte das usinas. Esta lei definiu institucionalmente a categoria dos fornecedores de cana e estipulou uma quantidade máxima de cana própria cultivada pela usina (até 60%).<sup>7</sup> A título de ilustração, vale lembrar que em 1934/35 das dez maiores usinas em relação à cana moída no Estado de São Paulo, cinco estavam localizadas na região de Piracicaba, e, em 1949/50, existiam sete usinas neste município. Partes dos efeitos desta legislação podem ser observadas por meio de um panorama do cenário recente. Em 2002 havia no município a associação de classe com o maior número de fornecedores do Estado de São Paulo. Há em

<sup>7</sup> Ver Queda (1972:131).

Piracicaba a Cooperativa Agrícola dos Fornecedores de Cana, a Cooperativa de Crédito que é considerado o Banco dos Fornecedores de Cana, o Hospital dos Plantadores de Cana (que assume importância significativa na oferta de serviços médicos do local). Este conjunto de instituições acabou formando uma rede de relações em torno do complexo canavieiro cujo estímulo foi dado pelo ELC.

A partir de 1950 há um retrocesso. Uma série de mudanças ocorre para permitir a expansão dos canais no Estado de São Paulo. Algumas iniciativas de âmbito legal foram tomadas para discipliná-la: a Lei n° 4.879 de 1965 permitiram, em caso de os fornecedores não ampliarem suas produções e cotas, que estas poderiam ser aproveitadas pelas usinas com lavouras próprias. Outro aspecto foi a mudança da noção de fornecedor de cana a partir de 1968 - no governo militar - através da resolução n° 2008. Nesta resolução foi considerado que qualquer sociedade anônima poderia ser fornecedor de cana tal como os sócios ou acionistas das usinas, assim como seus parentes de até 2° grau. Com efeito, percebe-se que, deixou-se de associar a figura do fornecedor de cana ao produtor agrícola ou ao lavrador que vivia no mundo rural. Críticas foram feitas em relação a estas modificações, questionando o próprio caráter legal desta resolução. (JUNGMANN,1971:75; Ramos 1999:141).

Na década de 1970, outro plano de modernização se direciona para agroindústria com o objetivo de recuperar o mercado externo do açúcar a partir de uma estrutura produtiva eficiente e competitiva. Como a eficiência da produção foi atribuída aos ganhos da economia de escala, os financiamentos foram direcionados aos grandes capitais. A política de modernização se consubstanciou em dois documentos fundamentais. O primeiro, o Decreto-Lei n° 1.186, de 1971, estipulou que somente usinas com cotas superiores a 400 mil sacos por safra poderiam se beneficiar da realocização, entre outros aspectos. E o Decreto-Lei n° 1.266, que especificou onde deveriam ser aplicados os saldos do FEE (Fundo Especial de Exportação). Destas medidas, seus efeitos foram: o aprofundamento e consolidação do processo de concentração e centralização do capital, pois não seriam todas as unidades industriais que teriam o acesso aos financiamentos. Os recursos do FEE (Fundo Especial de Exportação) também foram utilizados para constituição de um órgão destinado a desenvolver pesquisas agrônomicas vinculadas à lavoura canavieira. A criação do PLANALSUCAR, localizado no município de Piracicaba (SP), contribuiu para a consolidação da grande produção, já que as pesquisas voltaram-se para os interesses dos grandes produtores, com a localização das estações experimentais situadas nas terras dos grandes proprietários. (RAMOS,1999)

Vale lembrar também o Próalcool que surgiu como uma “*tábua de salvação*” do setor e que também contribuiu para a perpetuação do modelo de produção integrada com base nos latifúndios. No caso do município de Piracicaba, quando as políticas para este setor cresceram, já havia estabelecido um complexo agroindustrial tornando este município referência pela especialização na produção industrial e agrícola canavieira. (RAMOS e PERES, 1999) Para os anos de 1978/79, quase 40% das usinas e 50% dos fornecedores de cana do Estado de São Paulo concentravam-se na região de Piracicaba. (CARON,1986:98). Se, por um lado o Próalcool ampliou a demanda por destilarias e de oferta de emprego nos setores industriais neste município, por outro desencadeou o “*fenômeno da agudização da monocultura canavieira*”. Seus efeitos, sobretudo na esfera agrícola, são observados com a ampliação da contratação de mão-de-obra não qualificada e na ampliação da sazonalidade do emprego. (MALUF,1984)<sup>8</sup>. Além disso, como o padrão tecnológico disponível e o acesso ao crédito beneficiavam a produção em escala em grandes extensões territoriais, os pequenos produtores vinham passando por dificuldades, já que não conseguiam acompanhar o ritmo e a intensidade necessária ao processo de modernização vigente. Ramos e Terzi (1988), ao analisarem os mecanismos de sustentação da pequena produção canavieira em Piracicaba, já salientavam a diversificação da cultura, os sistemas de mutirão para o corte da cana e a inserção dos filhos dos produtores no mercado de trabalho urbano como estratégias de sobrevivência. Além disso, observaram que vários pequenos produtores vinham

---

<sup>8</sup> Sobre o trabalho dos migrantes no corte de cana ver Silva (1999).

arrendando suas propriedades para as usinas, o que significava um passo para a venda da terra. Segundo Guedes (2000), no período referente à segunda fase do Proálcool, a terra em Piracicaba valorizou-se 108% em apenas cinco anos, evidenciando maior transação de compra e venda de terras, o que permite concluir que um dos efeitos das políticas de incentivo à modernização da produção canavieira foi a transferência da propriedade fundiária ou o estímulo ao mercado de terras.

Diante desses aspectos, é possível destacar a presença de dois estudos que contribuem sobre o tema abordado. O primeiro deles tratou da subordinação dos lavradores e pequenos produtores de cana ao capital. Dessa forma, Neves (1981), ao estudar esta categoria social na região de Campos - RJ, salientou as estratégias alternativas que os pequenos produtores utilizavam para não perder sua condição de produtores agrícolas. Dentre as estratégias, pode-se destacar a inserção dos filhos no mercado de trabalho urbano, a criação de gado, dentre outras cujo objetivo consistia em equilibrar o consumo e a produção, *“afastando as possibilidades de fragmentação do solo pela partilha real do patrimônio”* (NEVES,1981:177). Sobre estes fornecedores, Ramos (1999:167) recuperou a contribuição de Gileno de Carli, afirmando que *“as usinas não engoliram os fornecedores em quantidades aterrorizadoras porque no subconsciente do lavrador uma voz lhe gritava que a terra era um princípio de felicidade”*. O segundo trabalho citado consiste na contribuição de Caron (1986). Este autor analisou o processo de diferenciação pelo qual vinha passando a categoria de fornecedores de cana no Estado de São Paulo. Chamando a atenção para o crescimento dos contratos de arrendamento e parceria, o autor salientou que *“eles não querem deixar a condição de proprietários e produtores rurais. Mesmo que, de fato, não sejam os produtores, sentem-se mais seguros com a propriedade da terra garantida”*. (CARON,1986:117) Além disso, para a própria usina, muitas vezes o arrendamento aparece como vantagem à compra da propriedade, já que a demanda por terras pode inflacionar os preços das propriedades rurais.

Atualmente o município de Piracicaba dispõe de uma área de 1.372,80 km<sup>2</sup> de terras com a área rural representando aproximadamente 87% deste total. A estrutura fundiária pode ser compreendida por meio dos dados de 1999 do LUPA<sup>9</sup>. Tal levantamento identificou 2.365 (upas) em Piracicaba, revelando a predominância da cultura de cana e das pastagens como principais atividades econômicas, e a predominância da pequena propriedade canavieira, pois aproximadamente 80% das propriedades com cana de açúcar possuem até 50 ha. Lembramos, no entanto, que na maior parte dos casos, certamente estas propriedades estão sob contrato de arrendamento ou parceria agrícola, ou seja, os proprietários não se envolvem diretamente no cultivo. Vale destacar que os dados de 2007/08 trazem-nos informações sobre a perpetuação da presença de pequenas propriedades assim como do percentual de área ocupada: 81% das Upas possuem menos de 50 ha e ocupam 24% da área total, enquanto 19% das propriedades com mais de 50 ha ocupam 76% da área total. Estes números revelam que embora seja significativa a presença das pequenas propriedades rurais no município de Piracicaba, as grandes propriedades continuam ocupando a maior parte da extensão territorial formando uma estrutura fundiária concentrada.<sup>10</sup>

### 3. A situação do bairro rural de Anhumas.

Anhumas é uma vila com ruas estreitas sem pavimentação, com casas construídas lado a lado semelhantes ao ordenamento residencial dos espaços urbanos. Além da igreja católica, contamos a existência de nove pequenas igrejas evangélicas. No bairro há um posto de saúde e um correio e pequenas casas de comércio. Observamos animais de pequeno porte, como galinhas passeando

<sup>9</sup>No LUPA (Levantamento Censitário das Unidades de Produção Agropecuária do Estado de São Paulo), a unidade de levantamento é a UPA, que corresponde ao imóvel rural definido como conjunto de propriedades contíguas do (s) mesmo proprietário (s).

<sup>10</sup> A discussão o problema da rural no Brasil ver Veiga (2003). Sobre os dados da população rural ver anexo.

livremente pelas ruas, pasto com animais de grande porte, como vacas e boi fazendo fronteira com alguns terrenos. Casas de diversos estilos, com antenas parabólicas, mas também com cercas de bambu, formando a composição de mundos urbanos e rurais entrecruzados. Mas, um detalhe nos chamou atenção: tijolos posicionados em frente às moradas e marcas recentes de construção. Os muros estavam sendo erguidos e os terrenos estavam à venda. Estes elementos nos avisavam que as mudanças estavam em curso<sup>11</sup>.

Após a realização da pesquisa de campo conseguimos identificar quem eram os moradores do bairro. Lá estavam vivendo os descendentes de antigos pequenos proprietários de terras (os sitiantes) que viviam no passado do trabalho familiar, os quais, pouco a pouco, desmembraram por herança e/ou loteamento parte de sua propriedade dando origem aos lotes e terrenos que permitiu a construção de casas situadas lado a lado para morada; os antigos parceiros/meeiros de grandes propriedades rurais do local e regiões circunvizinhas que para lá se deslocaram e fixaram suas residências (também encontramos alguns provenientes do Paraná); trabalhadores temporários que em busca de trabalho se deslocaram para o bairro e são provenientes de outros estados do Brasil (Nordeste), assim como, um fenômeno mais recente, novos moradores provenientes das periferias urbanas do município referenciado. O bairro de Anhumas considerado um bairro tipicamente rural no passado, atualmente apresenta um cenário demográfico social/cultural heterogêneo e diverso. Esta nova configuração sócio-cultural-espacial carrega um cenário de tensões e contradições que precisam ser compreendidos. Segundo a assistente social que trabalhou muito tempo no Bairro, os efeitos das mudanças vêm assustando moradores antigos que muitas vezes optam por se retirar do bairro. Em suas palavras:

É [...] mudou bastante [...] muita gente arrendou para as usinas e muitos mudaram de lá. Mudou o perfil de Anhumas. Hoje a violência chegou. Muitas brigas, roubo, drogas, prostituição. A droga está em estágio avançadíssimo. Lá tem escola, creche, posto de saúde [...] a igreja e, tem os moradores que continuam, né? Mas muita gente tem medo [...].<sup>12</sup>

Por trás deste visível cenário de heterogeneidade sócio-cultural onde mundos rurais e urbanos se encontram, percebemos que esconde um elemento comum compondo as práticas de vida no cotidiano destes moradores. No antigo bairro rural encontramos os sujeitos sociais que foram, geração a geração destituídos dos seus meios de vida. Foi este um dos processos responsáveis pela configuração atual. Atualmente são sujeitos que ocupam a mesma posição nas relações objetivas de trabalho. É neste bairro que residem parte dos trabalhadores do município canavieiro. Trabalhadores rurais e urbanos, trabalhadores agrícolas e de serviços, nas indústrias, trabalhadores do lar, trabalhadores permanentes e temporários. Trabalhadores aposentados. Ou seja, todo universo de subcategorias criadas para expressar a diversidade de especialidades encontradas no mundo do trabalho. Mas, porque estes trabalhadores estavam concentrados no bairro de Anhumas? O que foi possível perceber na pesquisa de campo é que muitos trabalhadores são originários da própria região rural, do próprio bairro ou de bairros rurais circunvizinhos e estabelecem uma relação de pertencimento e identidade com o local; outros, provenientes de áreas urbanas encontram em Anhumas um custo de vida com preços de terrenos e aluguéis baixos e acessíveis em comparação ao nível de preços das áreas centrais<sup>13</sup>. Como há disponibilidade de transporte coletivo (ônibus circular) de hora em hora garantindo o deslocamento desta população para cidade, muitos trabalham nos centros urbanos. Estas são as condições que se

<sup>11</sup> Ver anexo.

<sup>12</sup> Entrevista realizada no dia **21/02/2011** com a assistente social da secretaria de desenvolvimento social SENDS.

<sup>13</sup> O município de Piracicaba assim como outros municípios e regiões do Estado de São Paulo viveram os efeitos da crise financeira e especulação imobiliária em 2008.

criaram no bairro, e que por sua vez atraem um contingente de famílias de trabalhadores em dificuldades nos centros urbanos em tempos recentes.

Em campo nosso objetivo consistia também em compreender como era o mundo antigo no bairro. A ausência de registros oficiais sobre a história nos levou, por meio dos depoimentos e das entrevistas realizadas a recuperar o passado utilizando como metodologia a história oral. Compreendemos assim que lá os elementos: terra, trabalho e família, articulados, formavam unidade a qual podemos chamar de ruralidade antiga, que apresentava como característica a produção e reprodução da vida a partir de uma autonomia e relativo isolamento em relação às cidades circunvizinhas. Vale a pena recuperar as contribuições de Candido (2001), que por meio de suas análises sobre as sociabilidades nos bairros rurais utiliza o conceito de modo de vida como uma totalidade, onde os aspectos econômicos e simbólicos, sociais e psíquicos estão entrelaçados, em simbiose, a partir do interior dos laços de sociabilidade. A autonomia à qual o autor se refere está associada à certo distanciamento que havia entre os mundos rurais e urbanos. Este distanciamento permitia uma relativa autodeterminação das famílias do bairro no suprimento de suas necessidades materiais e simbólicas. Vale lembrar que o distanciamento expressa um momento histórico específico em relação ao movimento das forças produtivas capitalistas, e sobremaneira, estas famílias antigas viviam num isolamento total. Para ilustrar vale expor alguns relatos dos moradores antigos que nos oferecem detalhes sobre a vida antiga no bairro de Anhumas<sup>14</sup>:

**I<sup>15</sup>:** Aqui tinha uns porquinhos que a gente engordava para comer, criava uma porca [...] tinha que fritar tudo e guardar [...]

**F<sup>16</sup>:** [...] A gente plantava de tudo. Algodão, feijão, arroz, vassoura, milho. A gente tirava uma parte para o gasto, e a outra parte a gente vendia. Na época tinham as pessoas que compravam [...] A gente reservava o mantimento para entregar nos depósitos, o mesmo caminhão que vinha buscar o algodão e o arroz que a gente vendia, já trazia a mercadoria para gente. [...] tínhamos galinha, porco, então, essas misturinhas a gente tinha do sítio. Verdura, abobrinha, batatinha, mandioca. Tudo a gente colhia, graças a Deus! Fome a gente não passava. Tinha coisa para comer, mas não tinha o dinheiro [...].

No passado as casas eram construídas com barro, com galhos retirados da terra, com elementos do próprio local e pelos próprios moradores em sistema de mutirão. Em muitos depoimentos os moradores lembravam e contavam: [...] *fazíamos mutirão para barrear a casa e depois fazíamos uma festa. O dono da casa dava o que tinha para comer. As vezes um cantava o cururu, outros dançavam [...]*. Aqui, observamos o momento de trabalho, da construção dos meios de vida vinculada à sociabilidade festiva, de cumplicidade. O caso do arroz, produto típico da dieta nutricional, também é um exemplo ilustrativo. No auge do avanço da cana em Piracicaba, na década de 1970, Anhumas mantinha a presença dos pequenos sítios que produziam para subsistência e para o comércio. Uma moradora lembra: *Nós carpíamos, plantávamos arroz. Plantávamos algodão, essas coisas*. Por meio dos relatos, descobrimos que justamente na década de 1970 Anhumas recebe a primeira máquina de beneficiamento do arroz manuseada por um morador que se mudara para lá, descendente de família italiana que havia trabalhado no café. Sua família, depois de trabalhar na lavoura do café, tornou-se

<sup>14</sup> Optamos por ocultar os nomes dos depoentes.

<sup>15</sup> Depoimento da filha de uma família que vivia em regime de parceira. Este senhora casou-se com um proprietário, pequeno sitiante.

<sup>16</sup> Depoimento de uma família que vivia em regime de parceria agrícola.

proprietária de terras e fornecedores de cana. No entanto, este senhor contou que saiu da área rural em busca de melhores condições de vida na cidade. Após um tempo, retornou para o meio rural, não na propriedade da família, que já havia sido vendida, mas no bairro ao lado. Sua esposa lembra quando chegaram à Anhumas: *tinha pouca casa aqui, eram os sítiosinhos mesmo, do antigos, eles vinham aqui limpar o arroz. Pagavam com o arroz mesmo. Mas depois o arroz começou e chegar embalado. Aí ninguém mais quis produzir o arroz.*

Para compreender os processos desencadeadores das mudanças precisamos separar as classes sociais por meio da compreensão da estrutura fundiária antiga e relações de produção no campo. Podemos entender o processo da seguinte maneira: na parte central do bairro, onde atualmente há um maior aglomerado populacional e casas situadas lado a lado, constituíam área de pequenos sítiantes no passado. Como as dificuldades com relação a pequena lavoura começaram a se aprofundar, conforme visto na parte já descrita anteriormente, em vista de todo apoio do Estado para a grande produção de cana, o equilíbrio entre produção e consumo destes sítiantes não eram alcançados. Percebemos pelo depoimento de um morador antigo, que os primeiros moradores que passaram a construir casa de tijolo para saírem de suas casas de barro, para ter acesso aos materiais de construção, trocavam pedaços de suas terras por tijolos. Um morador recorda-se quando o primeiro lote foi trocado por tijolos da olaria de sua família. Orgulhoso comentou: *Fui eu que construí as primeiras casas de tijolo daqui!* Outro morador comentou: *antigamente dava um lote de terra por um porco criado!* A terra, então, tornou-se moeda de troca para alguns sítiantes (os pequenos) para o acesso aos demais utensílios e bens materiais necessários a reprodução da vida. Com agricultura comercial com baixo rendimento, o endividamento também pressionava para a necessidade da venda de alguns lotes. Assim quando as coisas não saíam bem, os pequenos sítiantes trocavam e/ou vendiam, fragmentando o patrimônio.

Outro lado do processo se revela observando as grandes fazendas circundantes. Na época o algodão era a lavoura comercial, praticada essencialmente por famílias em sistema de parcerias. Fazendeiros entrevistados lembraram a praga do algodão como justificativa para o abandono e desistência desta lavoura. Todavia, a rentabilidade na produção de cana se amplia, e gradativamente as grandes propriedades vão substituindo a produção de algodão pela cana-de-açúcar, já que o interesse era fazer o melhor negócio para o uso da terra. Foi isto que ficou na memória dos parceiros que se deslocaram para Anhumas. Nas entrevistas muitos lembravam que não havia mais espaço para lavoura própria de subsistência, pois a cana tinha tomado conta de tudo. São justamente estes sujeitos sociais expulsos pela cana, que inicialmente se deslocam para o bairro de Anhumas em busca de lotes e casas para morada. Vale pontuar que os lotes foram negociados sem registros oficiais, revelando, por um lado a relação de confiança que existia entre as partes, por outro, a dificuldade destes sujeitos sociais em viver dentro do enquadramento do marco institucional criado. O processo impunha uma única saída. As pequenas propriedades foram recortadas em lotes, constituindo para os sítiantes a possibilidade de uma renda para sobreviver e pagar dívidas, para os parceiros pontos de fuga e recomeço para uma nova vida. A grande fazenda do bairro aproveitou-se. Em entrevista o herdeiro de um grande fazendeiro lembrou a dificuldade em unir as sete matrículas do imóvel em apenas uma. Estas sete matrículas constituem pedaços de sítios que foram desaparecendo.

A terceira e quarta geração, sejam dos pequenos sítiantes, sejam dos parceiros, carregam a mitificação do trabalho assalariado. O assalariamento aparece como única forma de garantir a reprodução familiar. A cinco horas da manhã, antes do sol nascer, os trabalhadores estão posicionados em fila esperando o ônibus circular chegar. Os ônibus saem lotados. As mulheres geralmente trabalham de empregadas domésticas e os homens como operários das indústrias. Regressam ao bairro aproximadamente a sete ou oito horas da noite. Embora seus meios de vida sejam encontrados na cidade, a força do passado rural insiste em se expressar. Não como algo que atravessou no tempo, mas como um *habitus* rural, que ao formar parte da identidade, alimenta as práticas que fazem sentido, provenientes de experiências compartilhadas. Nas entrevistas, observávamos nos quintais a presença de



animais como galinha, algumas vezes o porco e a vaca, além das hortas, o queijo e o ovo. As festas de cunho religioso também são expressões deste sentimento. Assim, antigos pequenos sítiantes e parceiros manifestam sua cultura rural em uma área denominada área de urbanização isolada. Ao mesmo tempo o bairro de Anhumas é considerado pelos moradores antigos como um lugar onde a violência se prolifera. Todos os moradores antigos salientaram nas entrevistas: ficou perigoso! Não é sem motivo que associam Anhumas ao esconderijo. Como se fizessem uma analogia à um lugar que não é visto. Os dados do quadro em Anexo nos revelam a renda em dinheiro que estes trabalhadores adquirem. Terminamos com a pergunta: que desenvolvimento é este?

#### 4. Considerações finais

Para analisar a vida das pessoas que residem em áreas rurais onde o agronegócio tornou-se o protagonista tratamos do caso do município de Piracicaba – SP. Explicitamos na primeira parte como o Estado comportou-se diante da pequena produção, incentivando sempre o avanço da cana. Sem alternativa, os pequenos produtores migravam para cidade em busca de meios de vida. Neste sentido, vale ressaltar que o êxodo campo - cidade não ocorreu como resultado da ampliação das possibilidades de escolha do morador do mundo rural, ao contrário, foram as oportunidades negadas às populações rurais que desencadearam este processo. O bairro de Anhumas, no entanto, nos trouxe outra situação. Lá os sítiantes permaneceram no bairro, porém, sem alternativas, foram, pouco a pouco fragmentando o solo, seja pela venda dos lotes, ou partilha por herança. Ao mesmo tempo, a expansão da cana para aquela região, deslocou os antigos parceiros que, com baixos recursos não conseguiam trabalho e lugar para viver nos centros urbanos. Atualmente, moradores dos centros urbanos também procuram o bairro, como alternativa ao custo de vida na cidade. Apontamos a renda dos moradores e ao final nos perguntamos que desenvolvimento é este? A heterogeneidade e diversidade no mundo contemporâneo revelam tempos e espaços entrelaçados por uma lógica que avança e ocupa territórios, a lógica capitalista. O desenvolvimento do capitalismo produz contradições e no bairro de Anhumas o desenvolvimento está longe de expressar ampliação das possibilidades sobre as condições materiais e simbólicas de vida dos moradores.

#### 4. Referencia bibliográfica

- BILAC, M. B. B.; TERCI, E.T. *Piracicaba: de Centro Policultor à Centro Canavieiro 1930-1950*. Piracicaba: MB Editora, 2001.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, P. A Dominação Colonial e o Sabir Cultural. *Revista de Sociologia Política*, v.26, p. 41-60, jun. 2006. (a)
- \_\_\_\_\_. O Camponês e seu Corpo. *Revista de Sociologia Política*, v.26, p. 83-92, jun. 2006. (b)
- CANDIDO, A. *Os Parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Duas Cidades, 2001.
- CARON, D. *Heterogeneidade e Diferenciação dos Fornecedores de Cana de São Paulo*, Tese de Doutorado, São Paulo, 1986.
- GUEDES, S. N. R. *Verticalização da Agroindústria Canavieira e a Regulação Fundiária no Brasil: Uma Comparação Internacional e Um Estudo de Caso*. Tese de Doutorado, IE Unicamp, 2000.
- HOBSBAWM, E. *Formações econômicas pré-capitalistas*. São Paulo: Paz e terra, 1981.
- JUNGMANN, Fernando. *O Direito da agro-indústria açucareira*, Editora Revista dos tribunais Ltda, 1971.
- LIMA SOBRINHO, Problemas Econômicos e Sociais da Lavoura Canavieira, Zélio Valverde, 1943.

MALUF, R. S. J. *Aspectos da Constituição e Desenvolvimento do Mercado de Trabalho Urbano e Rural de Piracicaba*. Piracicaba: FINEP/UNIMEP, 1984.

\_\_\_\_\_. *Evolução Recente do Emprego Urbano e Rural em Piracicaba*. Piracicaba: FINEP/UNIMEP, 1987.

MARX, K. A mercadoria. *In O Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. A Assim chamada acumulação primitiva. *In O Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

\_\_\_\_\_. *Grundrisse*. São Paulo: Boitempo, 2011.

MELO, B. M. História e memória na contramão da expansão canavieira: um estudo das formas de resistência dos sitiantes do extremo oeste paulista. UFSCar/Tese de Doutorado, 2013.

NEVES, D. P. Lavradores e Pequenos Produtores de Cana, Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1981.

\_\_\_\_\_. Agricultura Familiar: questões metodológicas, *In ABRA*, Vol 25, Maio-Dezembro/1995

PETRONE, M. T. S. A Lavoura Canavieira em São Paulo: Expansão e Declínio (1765-1851). São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

QUEDA, O. A Intervenção do Estado e a Agricultura Açucareira Paulista, ESALQ/USP, Tese de Doutorado, 1972.

RAMOS, P. *Agroindústria Canavieira e Propriedade Fundiária no Brasil*, ed. Hucitec – Unicamp, São Paulo, 1999. (A)

\_\_\_\_\_. Situação Atual, Problemas e Perspectivas da Agroindústria Canavieira de São Paulo; *In Informações Econômicas*, Vol.29, Nº10, Outubro/ 1999. (B)

\_\_\_\_\_. Propriedade, estrutura fundiária e desenvolvimento (rural). *In Estudos Avançados* Coleção documento, n 11, série econômica, Usp, outubro de 2001

RAMOS, P. e PERES, A. Complexo Agroindustrial e Desenvolvimento: O caso da região de Piracicaba; *In ANAIS do XXXVII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural*, 1999.

RAMOS, P. e TERCI, E. O Trabalhador Rural e a Pequena Propriedade Canavieira em Piracicaba, 1988 (não publicado).

SILVA, M. A. M. *Errantes do Fim do Século*. São Paulo: Fundação editora UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. *A luta pela terra: experiência e memória*. São Paulo: UNESP, 2004.

TAUSSIG, M. T. *O Diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul*. São Paulo: editora UNESP, 2010.

TERCI, E. T. (org.) *O Desenvolvimento de Piracicaba – história e perspectivas*. Piracicaba/SP: Editora Unimep, 2001.

TORRES, M. C. T. M. *Aspectos da evolução da propriedade rural em Piracicaba – no tempo do império*. Piracicaba: Academia Piracicabana das Letras, 1975.

## ANEXOS

**Figura 1 – Mapa do Estado de São Paulo com destaque para o município de Piracicaba.**

Fonte: IBGE. (Instituto de Geografia e Estatística do Brasil)

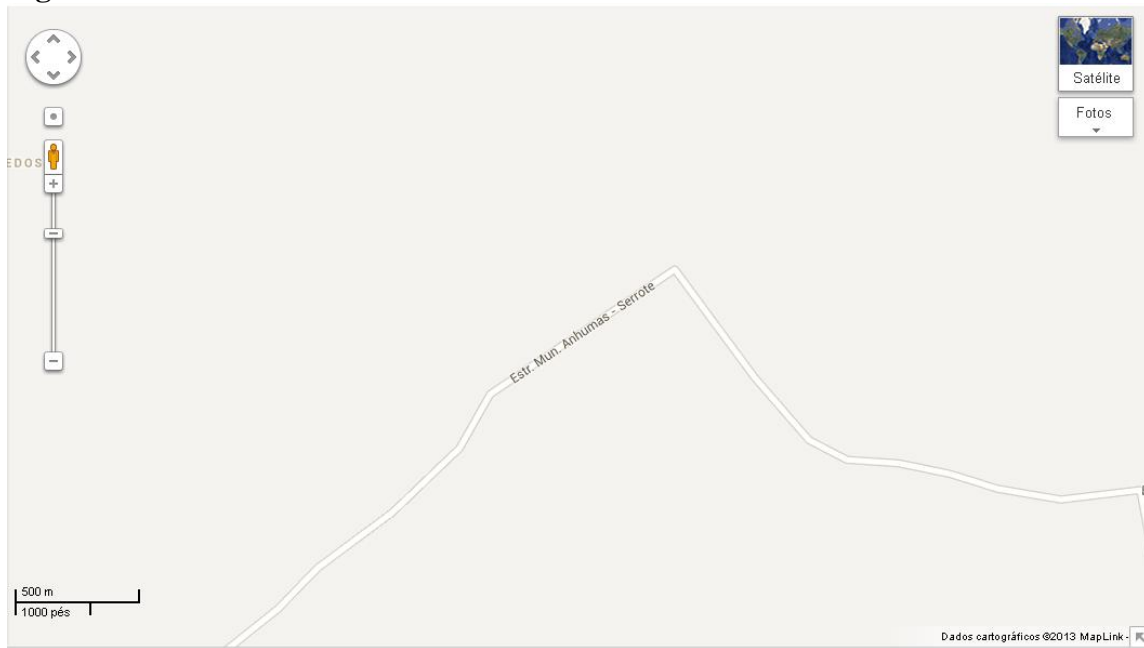
**Figura 2 – O município de Piracicaba -SP e a trilha para o bairro de Anhumas.**



Fonte: Google.

Descrição: O bairro de Anhumas localiza-se a 30 km da sede administrativa do município de Piracicaba. A estrada de acesso atualmente é pavimentada - estrada única de mão dupla. No caminho, a imagem da terra predominantemente ocupada pelo canavial traz monotonia e revela o peso da monocultura canvieira na região estudada. Ao percorrer alguns Km vão surgindo vestígios de outros bairros rurais ainda presentes. Notamos a presença destes outros bairros pela composição apresentada: igreja, escola e a venda. Na frente das vendas senhores com vestimentas típicas conversam e compõem uma imagem particular não encontrada nos centros urbanos. No prosseguir, um sítio aqui, outro acolá. Criação de porco, gado, vaca leiteira para “o gasto” como costumam dizer os moradores. Novamente a cana assume o protagonismo. Em época de colheita este cenário mistura-se com as máquinas colheitadeiras e trabalhadores, aí então o verde dos canaviais são substituídos pelo marrom, cor da terra descampada, livre. O distanciamento dos centros urbanos exige local de moradia temporária para os trabalhadores provenientes de outros estados como Piauí, Pernambuco e Bahia. Eis que encontramos o “vazio” rural com um alojamento na beira da estrada. Em pesquisa de campo descobrimos haver mais alojamentos escondidos por entre os canaviais.

**Figura 3 – A invisibilidade do bairro de Anhumas.**



Fonte: Google.

**Figura 4 – O bairro Anhumas na Imagem de Satélite.**



Fonte: Google.

**Quadro 1 – Pessoas residentes, área urbana e rural do município de Piracicaba – SP - 2011.**

<b>Município de Piracicaba e distritos</b>	<b>Total</b>	<b>Urbano</b>	<b>Rural</b>
<b>Piracicaba</b>	<b>364 571</b>	<b>356 743</b>	<b>7 828</b>
Artemis	6 543	4 860	1 683
Guanium	614	447	167
Ibitiruna	2 365	1 149	1 216
Piracicaba	301 480	298 450	3 030
Santa Teresinha de Piracicaba	49 298	48 302	996
Tupi	4 271	3 535	736

Fonte: IBGE (Levantamento Censitário 2010)

**Quadro 2 – Quantidade de domicílios, moradores e as rendas monetárias do bairro de Anhumas.**

	<b>Quantidade de Domicílios</b>	<b>Quantidade de Moradores</b>	<b>Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas responsáveis pelo domicílio (com e sem rendimento)</b>	<b>Valor do rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais (com e sem rendimento)</b>
<b>setor 1</b>	136	448	328,48 (142 dólares)	381,64 (164,6 dólares)
<b>setor 2</b>	188	657	828,97 (358 dólares)	440,57 (190,10 dólares)
<b>total</b>	324	1105		

Fonte: IBGE (Levantamento Censitário 2010)